DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

É DE PEQUENINO QUE SE ENCANTA PELA PALAVRA: UMA REPRESENTAÇÃO DE CLARICE LISPECTOR PARA O PÚBLICO INFANTIL

FROM A YOUNG AGE, A LOVE FOR WORDS IS BORN: A REPRESENTATION OF CLARICE LISPECTOR FOR CHILDREN

Fabio SCORSOLINI-COMIN[1]

Soraya Maria Romano PACÍFICO[2]

Ana Isabel Souza Ferreira PINTO[3]

RESUMO

Clarice Lispector (1920-1977) é uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira. Essa alcunha também é reforçada quando analisamos a presença perene de diversas representações da autora em livros, artigos, notícias, peças teatrais, cinema e nas mídias sociais, sobretudo após a sua morte. Essas representações tomam por base um determinado público (sujeito leitor, espectador, consumidor), produzindo diferentes efeitos a partir do modo como esses interlocutores são posicionados. Neste estudo, por meio da análise do discurso pecheutiana, analisaremos os efeitos de sentido produzidos sobre a representação da autora na obra "Clarice Lispector: a escritora das palavras encantadas", que compõe a Coleção da Folha de S. Paulo intitulada "Grandes biografias para crianças", publicada em 2021.

[1] Doutor e Livre Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade de São Paulo. *E-mail*: fabio.scorsolini@usp.br.

[2] Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade de São Paulo. *E-mail*: smrpacifico@ffclrp.usp.br.

[3] Escola Superior de Educação de Viana do Castelo – ESE/ IPVC, Departamento de Educação e Formação de Professores, Viana do Castelo, Portugal; InED - Centro de Investigação & Inovação em Educação, Porto, Portugal; Centro de Investigação Piaget para o Desenvolvimento humano e Ecológico, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Almada, Portugal; https://orcid.org/0000-0001-7730-190X. *E-mail*: aisabelpinto@ese.ipvc.pt.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

PALAVRAS-CHAVE

Clarice Lispector; Literatura brasileira; Literatura infantil; Biografias.

ABSTRACT

Clarice Lispector (1920-1977) is one of the most important writers in Brazilian literature. This title is further reinforced when we analyze the perennial presence of various representations of the author in books, articles, news, theatrical plays, cinema, and on social media, especially after her death. These representations are based on a specific audience (reader, spectator, consumer), producing different effects depending on how these interlocutors are positioned. In this study, through the analysis of Pecheutian discourse, we will analyze the effects of meaning produced regarding the representation of the author in the work "Clarice Lispector: the writer of enchanted words", which is part of the Folha de S. Paulo collection titled "Great Biographies for Children", published in 2021.

KEYWORDS

Clarice Lispector; Brazilian literature; Children's literature; Biographies.

Saiba: todo mundo teve infância
Maomé já foi criança
Arquimedes, Buda, Galileu
E também você e eu.

(**Saiba**, Arnaldo Antunes)

INTRODUÇÃO

O gênero biográfico tem despertado o interesse de diferentes leitores ao longo do tempo. Encontramos, nesse gênero, desde o trabalho minucioso de biógrafos reconhecidos por suas pesquisas e pelo cuidado com suas fontes, até mesmo movimentos mais contemporâneos de escritores que

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

visam a produzir biografias não autorizadas de celebridades, vivas ou não, o que emerge em meio a um cenário de disputas que envolvem informações, intimidade e até mesmo a participação do biografado em termos da seleção do que pode ser ou não contado ao leitor.

Outro movimento existente é aquele que baliza quem pode ser biografado, o que envolve uma avaliação sobre a importância pública dessa figura, além do possível público leitor interessado no consumo dessas informações, sobretudo em um contexto editorial cada vez mais concorrido. Entre produções com uma cuidadosa curadoria e outras envoltas em polêmicas, podemos afirmar que as biografias são consumidas por diferentes razões, desde a necessidade de conhecer mais a fundo a história de alguém considerado importante em algum domínio, até mesmo a curiosidade pela vida e pela intimidade de pessoas que alcançaram algum sucesso ou relevância em suas atividades. De todo modo, esse universo da intimidade é perscrutado nesse gênero, tornando bastante amplo o rol de sujeitos-leitores interessados nessa dimensão, desde pesquisadores, fãs, seguidores ou, simplesmente, curiosos.

Clarice Lispector é uma autora que sempre despertou o interesse do público, desde o lançamento do romance *Perto do coração selvagem*, em 1943. À época, leitores e críticos até aventavam ser esse um pseudônimo, pairando sobre ela um extenso imaginário sobre a sua origem, seu gênero, suas referências e seu intuito no campo literário. Esse movimento nos mostra que, paulatinamente à construção do interesse pelas obras da autora, produzia-se um interesse crescente pela figura da autora, o sujeito psicológico Clarice. Isso nem sempre ocorre na literatura, de modo que muitos autores possuem a sua biografia esmaecida e pouco valorizada.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

Em Clarice, no entanto, vemos que o desejo pelo acesso à figura da autora é tão genuíno quanto o de tornar a sua obra inteligível, movimento esse que parece estar em expansão pelo status de autora *pop* fortemente presente nas malhas do digital na contemporaneidade. Há que se considerar, ainda, que poucas escritoras tinham o destaque alcançado por Clarice à época, o que asseverava a necessidade de conhecer, em alguma medida, a mulher autora que acabaria por influenciar, em grande medida, o trabalho posterior de diversas escritoras brasileiras. Além disso, em suas aparições públicas e em entrevistas houve a criação de uma aura de mistério sobre a autora, o que teria se ampliado após a sua morte (Scorsolini-Comin; Rodrigues; Pacífico, 2022).

Esses movimentos, juntamente com o reconhecimento contínuo de suas obras e da sua importância para a literatura brasileira, bem como de seu falecimento antes de completar 57 anos de idade, deram início à tentativa de sistematizar diferentes narrativas biográficas que produziram, então, diferentes biografias da autora. A primeira biografia sobre a autora foi produzida como um gênero misto, reunindo informações sobre a autora, trechos escritos por ela e lembranças de sua amiga e secretária Olga Borelli (BORELLI, 1981), em um texto que não se alinha, estritamente, ao gênero biográfico, mas emerge de modo associado a uma recuperação memorial não apenas dos eventos de vida da escritora biografada, como da sua relação de proximidade com a autora da biografia. Posteriormente, no campo acadêmico e atendendo à necessidade de pesquisadores e pesquisadoras no campo da literatura, outras biografias ganharam destaque, como as produzidas por Nadia Gotlib (2009a) e Teresa Montero (1999; 2021), além da que foi lançada

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

originalmente em inglês por Benjamin Moser (2017), projetando a figura da autora para além do contexto nacional (Scorsolini-Comin, 2023a).

Essas biografias dialogam diretamente com as necessidades de sujeitos-leitores[4], ora interessados pela vida da autora por estarem vinculados à pesquisa e ao literário, por exemplo, ora por se posicionarem como leitores de Clarice que buscam o sujeito psicológico por trás – ou por dentro – de suas aclamadas obras. Um traço comum desses livros, no entanto, é assumir – ou pressupor – a existência de um sujeito-leitor adulto, ou seja, que possui uma determinada competência para assimilar um modo de escrita e de organização de fatos e que já espera, de antemão, a existência de uma "forma" que molda o que pode ser o gênero biográfico.

No entanto, é importante considerar a importância de Clarice Lispector no campo da literatura infantil e o modo como as suas obras produzidas para esse público têm circulado na contemporaneidade. Embora Clarice não possa ser posicionada exatamente como uma autora dedicada à literatura infantil, suas obras circulam de modo entusiasmado por esse público, aspecto também fomentado pela escola. De alguma maneira, aventa-se que o reconhecimento da figura pública de Clarice e a sua quase onipresença nos dias de hoje também pode produzir, como efeito, o desejo pelo contato com a produção infantil da autora, despertando o interesse não apenas de crianças e adolescentes, mas também de professores e

[4] Sujeito é uma noção fundamental para Pêcheux (2014). Não se trata de um indivíduo empírico, mas sim, de uma posição discursiva que é ocupada por quem produz um dizer, segundo determinadas condições de produção. Por isso, essa posição sujeito muda, de acordo com as mudanças nas circunstâncias do discurso. No caso, entendemos sujeito-leitor como uma posição ocupada pelo sujeito ao realizar gestos de leitura.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

professoras que atuam na educação infantil e no ensino fundamental, permitindo a circulação de suas obras – e da figura da autora – para um público leitor ainda maior.

Mas, voltando ao campo do gênero biográfico, a existência de um público leitor jovem interessado na obra de Clarice não demandaria também a possibilidade desses sujeitos entrarem em contato com a biografia da autora? Essa lacuna, de algum modo, visa a ser preenchida com um volume dedicado à Clarice, presente na Coleção Folha Grandes Biografias para Crianças, composta de 30 volumes que homenageiam importantes personalidades, do Brasil e do exterior, em diferentes campos como o da literatura, da política, da ciência e das artes: Albert Einstein, Wolfang Amadeus Mozart, Nelson Mandela, Anne Frank, Antoni Gaudí, Malala Yousafzai, Charles Darwin, Martin Luther King, Marie Curie, Oscar Niemeyer, Ludwig van Beethoven, Rosa Parks, Isaac Newton, Mahatma Gandhi, Clarice Lispector, Neil Armstrong, Margherita Hack, Joana d'Arc, Santos Dumont, Harriet Tubman, Stephen Hawking, Jane Austen, Amelia Earhart, Louis Pasteur, Wangari Maathai, Galileu Galilei, Louis Braille, Rigoberta Menchú, Jane Goodall e Ernest Shackleton.

A coleção busca, desse modo, representar uma variedade de personalidades importantes para a cultura mundial, trazendo referências a homens e mulheres que tiveram destaque em suas diferentes especialidades. Clarice Lispector, no entanto, é a única escritora brasileira escolhida para figurar entre as chamadas "grandes biografias", o que reforça a sua importância não apenas dentro do seu campo de atuação, a literatura, mas como a sua representação extrapola esse universo, sendo equiparada, em sua grandiosidade, a personalidades mais reconhecidas em nível mundial.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

Frente a esse panorama, e mobilizados pelos pressupostos da análise do discurso pecheutiana (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2007), no presente estudo analisaremos os efeitos de sentido produzidos sobre a representação da autora na obra "Clarice Lispector: a escritora das palavras encantadas", que compõe a Coleção da Folha de S. Paulo intitulada "Grandes biografias para crianças", publicada em 2021.

O SUJEITO-CLARICE: UMA GRANDE BIOGRAFIA

Primeiramente, é importante refletir sobre os efeitos produzidos a partir da formação discursiva presente no nome da coleção, ou seja, grandes biografias para crianças. Essa formulação pode produzir o efeito de endereçar ao público infantil apenas determinadas biografias consideradas grandes. Também podemos observar o efeito de comparação e de distanciamento produzido pela nomeação de algo grande comparado com a dimensão de uma criança fisicamente pequena. Cria-se, portanto, o efeito de endereçar algo grandioso para quem ainda é pequeno, possivelmente indiciando não apenas o distanciamento discursivizado na perspectiva de uma dimensão ou de um tamanho, mas em relação a uma perspectiva na qual uma criança, pequena, poder crescer e tomar como "exemplo" a experiência de grandes personalidades biografáveis, como Clarice.

A necessidade de exemplos ou de referências, desde a tenra infância, é sugerida pelo ditado que inspirou o título do presente ensaio, bastante popular no contexto brasileiro: é de pequenino que se torce o pepino. Esse genérico discursivo soa como uma recomendação de como criar uma criança, apresentando-lhe bons exemplos, ensinando-lhe bons hábitos e incutindo-lhe valores que atravessarão toda a sua vida. Assim como o pepino, que

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

deve ser torcido para poder crescer de modo adequado, também a criança deveria ser submetida, metaforicamente, a esse processo de torção desde o início. No caso, isso seria mobilizado por meio do contato com biografias de pessoas inspiradoras, capazes de promover essa torção em direção a um caminho próspero e virtuoso.

Em relação ao livro analisado no presente ensaio, podemos afirmar que essa "torção" ocorre não apenas pela apresentação da biografia de uma personalidade reconhecida, mas também pelo contato com o universo literário, com o ofício do escritor. Há, portanto, uma referência a um sujeito-leitor criança que pode vir a se posicionar como um sujeito-autor criança, destacando a dimensão da autoria não apenas como algo a ser corporificado por um sujeito-adulto ou por um cânone literário, mas acessível aos sujeitos-estudantes, por exemplo, no espaço escolar. As personalidades biografadas, nesse sentido, tornam-se faróis que visam a iluminar a trajetória de uma criança que vislumbra tornar-se adulta e, no caso do volume dedicado à Clarice, que pode assumir a autoria, tornando-se um sujeito-leitor.

Para capturar esse sujeito-leitor criança, também se parte da construção de uma narrativa sobre o ser biografado que se inicia durante a infância dessa personalidade retratada. Esse efeito de distância e, ao mesmo tempo de proximidade entre quem se foi no passado, como criança, e quem se pode vir a ser no futuro, como adulto, aparece indiciado desde a capa do livro, produzida por Adilson Farias (Figura 1). Na perspectiva discursiva, também o imagético pode ser analisado, uma vez que produz diferentes efeitos de sentido, e, conforme Orlandi (2011) escreve:

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

> São materiais de reflexão para todo analista de discurso: os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, o silêncio e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição para a compreensão dos processos de significação, como já afirmava eu em 1994, no texto sobre os efeitos do verbal sobre o não verbal. (Orlandi, 2011, p. 19)

Esses sentidos também devem ser costurados aos demais elementos como o próprio texto escrito para essa biografia voltada a crianças. Na presente análise, portanto, depreende-se que o imagético deve ser costurado ao textual, ampliando as possibilidades interpretativas diante do dizer.

A ilustração da capa traz, em primeiro plano, a representação de Clarice já adulta e, ao fundo, a representação de uma criança possivelmente aludindo ao espelhamento da mesma figura no passado, aspecto este que pode ser reforçado quando analisamos os fenótipos representados por ambas as figuras da ilustração da capa. A figura do passado, criança, volta-se ao mar e aparece registrada de perfil, voltando toda a sua atenção para a água salgada. Já a figura da adulta olha em direção ao sujeito leitor, encarando-o, ainda que o seu rosto esteja levemente voltado para a sua esquerda. Alguns movimentos podem ser construídos diante dessa descrição. A criança tem a sua atenção voltada a um fenômeno natural, dispensando a interlocução com qualquer ser humano. Esse ser diminuto encontra-se desfocado no fundo da figura, representando o passado. Com cores mais intensas, a figura adulta está centralizada mais próxima do espectador e, portanto, do sujeito-leitor.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

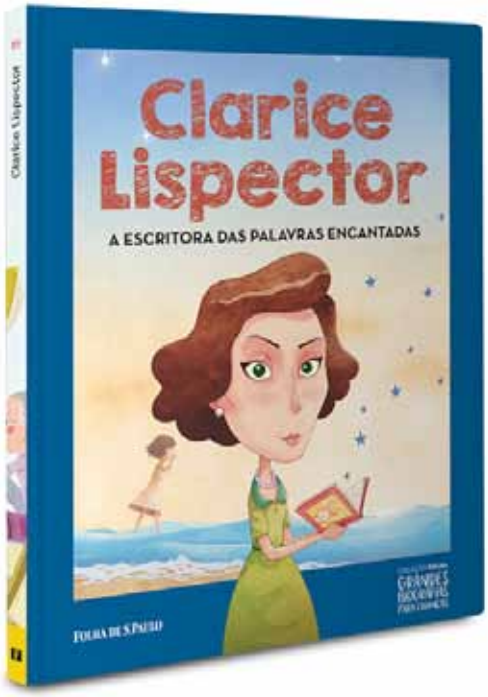

Figura 1 – Capa do livro Clarice Lispector: a escritora das palavras encantadas (OBERG, 2021), com ilustração de Adilson Farias

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em: https://biografiasparacriancas.folha.com.br/. Acesso em: 21 jun. 2024.

A ilustração da capa traz alguns indícios sobre o modo como a autora será representada nessa biografia. Ao centro da ilustração da capa, observamos a imagem da autora segurando um livro. O livro que está em suas mãos tem na capa a figura de um coelho, remetendo-se ao livro infantil *O mistério do coelho pensante*, primeiro livro voltado ao público infantil escrito pela autora e, inicialmente, dedicado ao seu filho, então com sete anos de idade, quando a família residia nos Estados Unidos. O livro foi originalmente escrito em inglês para que pudesse ser lido pela babá americana (Gotlib, 2009a). Esse episódio também é registrado na biografia aqui analisada, destacando que a autora passou a escrever para crianças depois que se tornou mãe. Assim, assumir a posição de uma escritora voltada, em alguma medida, ao público infanto-juvenil, emerge em meio à posição de mãe assumida pelo sujeito

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

Clarice. Anos mais tarde, quando convidada a escrever para o público infantil, Clarice lembrou-se dessa obra e a traduziu para publicação em português.

O episódio relacionado à produção desse livro infantil aparece registrado em dois momentos da biografia aqui analisada. O primeiro deles, como descrito, relacionado ao início do engajamento da autora na produção de obras infantis. A segunda menção faz referência a um episódio vivenciado pelo sujeito Clarice quando vivia nos Estados Unidos e que mobilizou a escrita do livro infantil:

> E aí já sabíamos que os dois coelhos que viviam em uma grande gaiola em nosso quintal tinham fugido. A gaiola tinha o tampo muito bem fechado, mas eles fugiam - pode acreditar! E se você me perguntar como isso acontecia eu respondo: até hoje não sei. Por isso, escrevi uma história sobre esse caso misteriosíssimo. (Oberg, 2021, p. 19)

Podemos observar, nessa recuperação do vivido pelo sujeito Clarice, uma tentativa de estabelecer uma correspondência entre as experiências desse sujeito biografável com a sua produção literária, o que pode sugerir efeitos como o de um espelhamento, em que o texto literário seria uma depuração de experiências vivenciadas pelo sujeito que escreve, ou, até mesmo, uma descrição do que se passava com esse sujeito psicológico, em tom memorial. Nessa acepção, o literário é resumido à experiência de um registro do vivido. Esse movimento é bastante utilizado na produção da biografia aqui analisada, colando a experiência profissional, no caso, a de uma escritora de renome, a uma “grande biografia”. Isso promove, como efeito, que grandes feitos profissionais, dignos de admiração e reconhecimento públicos, só poderiam ser forjados frente às experiências consideradas grandiosas.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

No entanto, outro efeito produzido pela biografia é o de aproximar a figura desse grande biografável, Clarice, do sujeito-leitor criança, permitindo a identificação, função essencial para que a leitura possa ser não apenas empreendida como também continuada. É também por se promover essa identificação do sujeito-leitor criança com a grandiosidade da autora Clarice Lispector que se pode interpretar que a biografada pode ser um "exemplo" a esse sujeito-leitor. Assim, a grandiosidade de uma personalidade biografada também é discursivizada em termos de uma história de vida que não guarda relatos extraordinários, mas vivências possíveis, cotidianas, inclusive – e, sobretudo – ao sujeito-leitor criança.

É possível notar, ainda em relação à ilustração da capa do livro, que brotam estrelas a partir do livro, cuja capa traz o coelho estampado. A estrela é um símbolo recorrente na escrita clariciana, sobretudo considerando a sua obra de maior expressão, intitulada *A hora da estrela* (Lispector, 1998a), publicada originalmente no mesmo ano em que a autora falecera, 1977.

Ao fundo da ilustração da capa, podemos observar um possível esboço do que seria a autora quando criança, cheirando ou até mesmo bebendo a água do mar, em uma alusão à crônica *Banhos de mar*, presente na coletânea *A descoberta do mundo* (Lispector, 1999), a qual narra a experiência de uma personagem criança que tinha por costume tomar banho de mar com a família, mobilizada pela figura paterna. Essa mesma ilustração do fundo da capa aparece ampliada em duas páginas do livro. Nessas páginas, retoma-se o registro da crônica, em que a narradora menciona os banhos de mar antes de o sol nascer, costume esse trazido pelo pai da protagonista, que acreditava que tais mergulhos fariam bem à saúde. Ao final do episódio, destaca-se o

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

seguinte trecho: “Essas viagens diárias ao mar durante a madrugada serviram de treino para eu aprender a ser feliz” (Oberg, 2021, p. 7).

Segundo Moraes (2010, p. 58), que analisa esses banhos de mar como um ritual de cura na obra clariciana, a experiência sensorial é prenhe de significações, como as que aproximam a personagem criança de algo que pode ser nomeado como felicidade: “Para uma menina que tivera uma infância infeliz, centrada nos problemas decorrentes da grave doença da mãe, esse passeio diário soava como descoberta de um mundo mágico, simbolizado na imagem de uma ilha encantada”. Essa formulação guarda proximidade com diversos escritos da autora que abordam a busca pela felicidade, como no aclamado conto *Felicidade clandestina* (Lispector, 2022) e no livro *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (Lispector, 1998b).

Essa personagem criança retratada junto ao mar, na crônica, sugere proximidade ou um possível espelhamento com a figura da autora durante a infância, o que, pela perspectiva discursiva, pode ser questionado, haja vista que a figura do autor não se confunde com a figura da personagem, retomando os clássicos estudos da literatura (Barthes, 2004). Ainda, de acordo com a análise do discurso pecheutiana, a autoria não corresponde à figura do autor, mas a uma posição discursiva assumida por um sujeito, sujeito este cindido e que tenta, a todo custo, conter a deriva e a dispersão do seu dizer (Foucault, 2001; Orlandi, 2007).

Desse modo, não podemos afirmar, inequivocamente, que a representação da menina no mar refira-se à figura da autora, mas, sim, que indicia proximidade com a personagem criança de sua crônica. Mesmo sendo a crônica um gênero que autoriza uma escrita que toma por base as experiências pessoais do autor e sua visão do cotidiano, há que se considerar que não se trata de uma

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

transposição, de uma transcriação do universo pessoal de modo deliberado. Por extensão, podemos argumentar que a crônica não nos permite acessar um sujeito autor transparente, que se deixa retratar, haja vista que a linguagem, segundo a AD, não é transparente.

Além disso, ainda tendo como referência a ilustração da capa, a imagem do mar é outro elemento recorrente na obra da autora, estando presente em diferentes crônicas. Vemos, portanto, que os elementos imagéticos trazidos desde a capa do livro não podem ser compreendidos como meramente ilustrativos, ultrapassando uma dimensão estética dessa representação. Também essa ilustração, como as presentes dentro do livro, compõem uma rede significativa através da qual diferentes gestos interpretativos podem ser produzidos pelo sujeito-leitor, pois, se conforme asseveramos que a linguagem verbal não é transparente, tampouco o é a linguagem visual, ou outra manifestação que seja. Assim, tanto o texto como a imagem são de particular atenção do analista do discurso, sobretudo quando este se coloca diante de uma obra voltada ao público infantil. Esse gênero textual evoca, com frequência, a necessidade da imagem como algo capaz de estabelecer uma comunicação com o espectador. E o sujeito-leitor é convidado, então, não apenas a decodificar as letras que formam as palavras, mas também produzir gestos interpretativos sobre as ilustrações que compõem a obra, permitindo que haja um constante diálogo entre figura e texto, ampliando as possibilidades de leitura e reafirmando, com isso, a leitura e a interpretação como gestos polissêmicos, permitindo que os sentidos possam sempre ser outros.

No verso da capa também podemos analisar diferentes movimentos. Acima de um resumo a respeito da vida da autora, observamos a representação

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

de Clarice de perfil, escrevendo com a máquina em seu colo. Ao lado da máquina, há uma pequena mesa na qual podemos ver a ilustração de uma xícara de café. Encontramos diversas fotografias da autora escrevendo à máquina e sentada em poltronas e sofás, de modo que o seu ofício era frequentemente exercido tendo a autora essa disposição corporal, o que é capturado pela ilustração em tela (Gotlib, 2009b). Podemos observar, ainda, que o olhar da autora está totalmente voltado para a máquina de escrever, indiciando a sua dedicação à atividade da escrita e o modo como se voltava para a palavra.

No verso da capa aparece, novamente, a representação da máquina de escrever, elemento com o qual a autora foi bastante registrada ao longo da vida, em matérias para jornais, revistas e para seu acervo pessoal. Notamos, com isso, uma construção imagética na qual a autora aparece associada ao seu ofício, em uma possível continuidade do próprio corpo e, por conseguinte, da própria experiência. Ainda pressupondo que o sujeito-leitor criança contemporâneo nem sempre possui uma referência sobre o que é uma máquina de escrever, a biografia voltada a esse público esclarece que, à época em que a autora produziu a sua obra, toda a atividade de escritor era realizada tendo como suporte a máquina de escrever (Scorsolini-Comin, 2023b). Essa tecnologia foi substituída pelos computadores, pelos *tablets* e pelos *smartphones*, como narrado para o sujeito-leitor pretensamente nativo digital. Esse novo leitor precisa, então, ser apresentado às tecnologias analógicas, estabelecendo um diálogo entre diferentes materialidades que se colocam à disposição para o estabelecimento da comunicação e, no caso específico do escritor, para a produção de sua obra e, portanto, também da sua experiência como autor.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

COISAS BOAS E RUINS ACONTECEM ENQUANTO O TEMPO PASSA

Passemos à exploração do conteúdo do livro. Na primeira página, vemos algumas referências em relação ao universo infantil da autora, com destaque para o seu contato inicial com livros, o que coloca em evidência a sua posição como sujeito-leitor para, então, já como adulta, assumir a sua posição como autora. O efeito de sentido é destacado desde o título da coleção, de algo que visa a conduzir a experiência da criança para que se torne adulta. Aqui vemos a construção do ser autora tendo como referência outros escritores, a exemplo de Monteiro Lobato. A referência ao livro *Reinações de Narizinho* (Lobato, 2019) é algo destacado por Clarice em algumas entrevistas e também registrado no conto *Felicidade clandestina* (Lispector, 2022), em que narra a epopeia de uma menina em busca do desejado livro.

Também se indicia, desde o início, a vinculação da autora ao universo dos animais, aspecto recuperado ao longo de toda sua obra e, de modo mais particular, em sua literatura voltada ao público infantil (Scorsolini-Comin, 2023c). Essa referência é trazida com a menção ao cachorro Ulisses, que ocupa não apenas uma posição de personagem de suas obras infantis, mas também de narrador no livro *Quase de verdade* (Lispector, 2010; Scorsolini-Comin; Pacífico, 2023). Por se tratar de um gênero de biografia – com todas as adaptações que esse gênero exige quando pressupõe como leitor o público infantil – vemos também a menção a elementos da vida da autora enquanto sujeito psicológico, biografável, tornando importantes as descrições sobre eventos, fatos, pessoas e condições que atravessaram o viver de Clarice, como a menção ao cão Ulisses, que também era o nome do seu animal de estimação. Nesse sentido, no início dessa biografia não é possível compreender se o texto se refere ao animal doméstico da autora ou ao personagem cachorro

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

presente em seus textos, produzindo, como efeito, uma indistinção entre essas posições, algo que é frequentemente referido quando observamos as biografias sobre Clarice voltadas ao público leitor adulto. A figura do cão Ulisses é retomada ao longo da biografia como quando se menciona o fato de o personagem cachorro Ulisses ter se posicionado como narrador em *Quase de verdade*, latindo a história para que a personagem escritora pudesse produzir o livro (Lispector, 2010).

Ainda no início do livro, a narradora em primeira pessoa, posicionando-se como Clarice Lispector, estabelece um pacto com o sujeito-leitor, afirmando compartilhar um segredo. O segredo ao qual se refere é a revelação sobre o nome de nascimento de Clarice. Nascida na Ucrânia e chegando ao Brasil com poucos meses de vida, a autora inicialmente recebeu o nome de Haia Pinkhasovna Lispector. Em território brasileiro, recebeu o nome de Clarice, facilitando a sua comunicação e socialização. O mesmo aconteceu com seus pais e uma de suas irmãs (Gotlib, 2009a).

A revelação de um segredo desde o início do livro produz, como efeito, a recuperação de um recurso também utilizado pela autora ao escrever o livro infantil *A mulher que matou os peixes* (Lispector, 2010). Nesta obra, desde o início, a narradora, também em primeira pessoa, assume ser a responsável pela morte dos peixes dos filhos, que haviam ficado sob a sua responsabilidade. A narradora personagem, assumindo ter sido negligente com o cuidado dos peixes, confessa ter matado os animais. Isso é confessado ao sujeito-leitor já nas primeiras linhas do livro, promovendo um efeito de revelação inicial. Se, em diversos gêneros, podemos observar que os grandes segredos acabam sendo desvelados ao final das histórias, o recurso empregado por Clarice em *A mulher que matou os peixes* é justamente o

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

oposto. Ainda assim, a narradora consegue capturar a atenção do sujeito-leitor ao anunciar uma série de relatos relacionados à experiência da personagem com diferentes animais.

Na biografia em tela, podemos observar um efeito semelhante: mesmo informando que Clarice não tinha, originalmente, esse nome, não se desestimula a leitura, pelo contrário, há um convite para que esse sujeito-leitor possa conhecer mais sobre a história da autora. Essa história, aparentemente narrada por meio de eventos considerados tristes, como o abandono do próprio país em busca de melhores condições de vida e de trabalho para sua família, também guarda proximidades com a narrativa inicial do livro infantil, uma vez que se abre a obra abordando um crime, a morte dos peixes. No entanto, a partir dessa morte, outros elementos narrativos são apresentados.

Outro elemento que pode ser explorado é o recurso utilizado na presente biografia para estabelecer uma comunicação mais próxima com o sujeito-leitor. Podemos notar a utilização da narração em primeira pessoa, o que produz como efeito a sensação de que quem está contando a história é, de fato, a própria autora a revisitar a sua história. Efeito semelhante ocorre nas obras da autora, como em suas crônicas e no romance *A paixão segundo G. H.* (Lispector, 2009). A biografia, portanto, parece ter sido tecida tendo como referência esse recurso, aproximando, de algum modo, a escrita de Silvia Oberg à escrita clariciana, ou ao estilo clariciano.

Na biografia voltada ao público infantil, a narradora brinca com as diferentes possibilidades de narrar a própria história, adotando um tom mais melancólico, triste, ou, ainda, mais efusivo e até cômico em alguns momentos. Há, nesse sentido, a construção de um efeito por meio do qual a narradora pode seguir por diferentes caminhos para contar uma

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

mesma história. Podemos considerar, ainda, que diferentes formas de contar uma história não significam que a história seja única ou, ainda, que essas diferentes narrativas tenham que corresponder a um fato verificável, em uma correspondência com a realidade, com o fato histórico. Assim, a narradora vai produzindo efeitos semelhantes aos observados no ofício do próprio escritor, que possui a liberdade de, ao brincar com as palavras, produzir diferentes caminhos ou, remetendo-se ao título da biografia, diferentes encantamentos por meio das palavras.

Ainda remetendo-se à infância da autora, a biografia voltada ao sujeito-leitor criança explora diversas passagens da vida da autora, sobretudo quando esta vivia em Maceió e, também, no Recife. São destacados episódios presentes em outras biografias, como quando Clarice dedicou-se a ensinar matemática para outras crianças, como professora particular (Montero, 2021). Mas também encontramos referências a episódios que foram registrados tanto em entrevistas como em crônicas (Gotlib, 2009a). Nesse sentido, é importante compreender a complexidade da construção da biografia da autora, que, a todo tempo, busca mesclar elementos contextuais com o modo como essas possíveis experiências puderam ser depuradas ou transformadas ao adentrarem o campo do literário.

Um exemplo disso é a menção ao carnaval, aspecto registrado tanto pelo sujeito psicológico Clarice quanto em crônicas escritas pela autora. Na biografia em tela, há a representação de Clarice criança que queria brincar o carnaval junto com seus amigos. Há, por exemplo, a menção ao fato de a personagem infantil do conto *Restos de carnaval*, presente na coletânea *Felicidade clandestina*, ter usado a fantasia de rosa. No entanto, na biografia para crianças, omite-se o fato de que a personagem não pudera brincar

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

o carnaval pelo fato de a mãe estar gravemente adoecida, demandando cuidados por parte da filha.

Se a biografia anuncia, desde o início, que contará aspectos tristes e felizes da vida da autora, este é um registro considerado importante e que não é abordado de modo mais aprofundado para esse público leitor – há apenas uma breve menção à morte de sua mãe. A mãe de Clarice falece quando esta tinha 10 anos de idade. Omite-se, ainda, o fato de Clarice ter se sentido culpada, desde pequena, por não ter curado a mãe. Segundo relato popular da época, o nascimento de uma nova criança poderia curar a mãe de um grave mal, o que não teria acontecido com o nascimento de Clarice (Gotlib, 2009a). Esse evento é rememorado pela autora em diversos momentos, sendo considerada a sua primeira grande frustração, aspecto que marcaria sua vida para sempre.

Mas, poderíamos nos questionar: por que esse evento não teria sido abordado mais detidamente na biografia endereçada ao sujeito-leitor criança? Podemos depreender que a morte é relatada de modo breve, priorizando-se outras narrativas. Ora, se o livro se propõe a relatar que "coisas boas e ruins aconteceram enquanto o tempo passava" (Oberg, 2021, p. 13), há uma determinada seleção do que se pretende abordar junto ao público desejado ou suposto. Se toda escrita envolve um processo de seleção, aspecto este presente também na noção de autoria, segundo a perspectiva discursiva, tal omissão pode ser interpretada como algo intencional visando a não problematizar a dimensão da morte junto ao público tão jovem.

Mas, para além de uma seleção consciente do que dizer, esta omissão também pode indiciar um movimento que pressupõe o despreparo do sujeito-leitor criança diante de um episódio trágico. Se nem tudo pode ser dito e

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

se os sentidos podem sempre vir a ser outros (Pêcheux, 2014), a omissão também é uma forma de dizer, de supor um determinado sujeito-leitor capaz ou incapaz de lidar com o fenômeno narrado ou interdito. Vemos, portanto, que tais escolhas não são neutras, mas atravessadas pela ideologia e pelos movimentos que mobilizam aquilo que pode ou não pode ser dito em função do público suposto, o que escancara determinadas representações possivelmente estereotipadas do que vem a ser a criança que se posiciona como sujeito-leitor e, no caso em tela, de uma criança que possui interesse por conhecer a biografia de Clarice Lispector.

Outro evento traumático que é mencionado brevemente no livro refere-se ao acidente que a autora sofrera, em um incêndio. Esse acidente marcou profundamente a autora tanto pela necessidade de realização de diversas cirurgias plásticas como pelo comprometimento em sua capacidade de escrever à máquina. Aqui podemos notar que, novamente, um evento trágico não foi totalmente omitido em um relato voltado ao público infantil.

No entanto, é possível interpretar que existe um movimento pendular na biografia em tela, alternando eventos que podem provocar alegrias, com experiências traumáticas e produtoras de sofrimento. A escrita parece ser composta por oposições, do alegre com o triste, do quieto com o barulhento, do que produz o reconhecimento público de um sujeito e daquilo que leva à necessidade de isolamento, de recolhimento. Tais oposições vão produzindo indícios que permitem ao sujeito-leitor criança compreender esses movimentos dissonantes na produção do que vem a ser a grande escritora. Isso reforça um movimento não linear de construção da biografia, permitindo a produção de interpretações que evocam a história de vida como sendo marcada por diferentes movimentos que não possuem como objetivo o estabelecimento

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

de uma linha crescente, mas, justamente, de hiatos e descontinuidades que também permitem a construção de uma biografia considerada grandiosa.

No entanto, a tentativa de romper com a produção de uma biografia linear acaba escapando ao final do livro, quando é apresentada uma linha do tempo que mostra eventos significativos da vida da autora, começando com o seu nascimento em 1920 e finalizando com a sua morte no ano de 1977, às vésperas de completar 57 anos de idade. Podemos observar, portanto, que a tentativa de ruptura com a produção de uma biografia presa de forma rígida a eventos que se sucedem linearmente esbarra na necessidade de que um livro voltado ao público infantil precisa ser, em alguma medida, didatizado, ou seja, submetido a algum critério que permita a sua ancoragem no universo escolar, no qual os movimentos de ruptura em relação ao que pode ser da ordem do biografável ainda encontram resistências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título do presente ensaio toma de empréstimo o ditado popular que afirma que é de "pequenino que se torce o pepino". Esse ditado alude ao fato de ser o período da infância a fase na qual se poderia moldar o sujeito, ensinando-lhe valores, apontando-lhe caminhos. Embora esse ditado possa ser interpretado como uma alusão à necessidade de orientação de uma criança, por parte da família e da escola, por exemplo, também permite a interpretação que coloca sobre a criança uma determinada fôrma, uma moldura sobre a qual deve ser desenvolvido o seu caráter e as suas experiências. Pressupõe-se, por extensão de sentido, que é apenas a partir desse movimento que a criança poderá se desenvolver segundo pressupostos trazidos/propostos pelos adultos. No entanto, há que se problematizar que

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

esse mesmo ditado abre brechas para outros gestos interpretativos, como o ato violento indiciado pela necessidade de torcer o vegetal para que ele possa se desenvolver plenamente. Uma criança deveria ser, portanto, torcida para que pudesse crescer do modo esperado? Essa torção seria mais bem-sucedida se empreendida na tenra idade?

Ainda assim, a imagem de algo que deve se iniciar na infância pode ser expandida para o contexto da obra aqui analisada, que permite o contato do sujeito-leitor criança com a obra literária e, também, com a experiência do autor, autor este que também teve uma infância e que passou por caminhos e experiências que podem se aproximar dessa criança. Por isso, a provocação presente no título, ancorada no dito popular: é de pequenino que se encanta pela palavra. No entanto, esse encantamento não deve ocorrer por um movimento de torção, de coerção, mas pela aproximação da criança do universo literário e do ofício do escritor. A coleção analisada, sobretudo em seu volume dedicado à Clarice Lispector, cumpre esse objetivo ao produzir uma representação da autora capaz de dialogar com o universo desenvolvimental e psíquico dos sujeitos-leitores, inclusive, crianças.

Entre os movimentos observados na construção da obra analisada, enfatizamos aqueles que recuperam as passagens da infância da autora, quer apresentando-as aos sujeitos-leitores, quer remetendo-se ao modo como elas foram abordadas, de algum modo, na produção da autora, como em crônicas e contos. Assim, as experiências infantis da biografada são compartilhadas como indícios para a construção de uma autora de renome na vida adulta. Essa aproximação do universo infantil da autora é mobilizado também pela referência às obras nas quais a autora relata sobre experiências de personagens crianças, algumas delas inspiradas, de algum modo, em suas

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

próprias vivências, além das menções a obras voltadas a esse público leitor, a sua literatura infanto-juvenil. Portanto, discute-se que o sujeito-leitor criança é capturado, na obra, pela representação de uma autora desde a sua infância, indiciando que todo ser biografável – que toda "grande biografia" – tem início na produção de um sujeito-criança, tal qual o sujeito-leitor que se pretende inspirar e, metaforicamente, "torcer".

Ao final desse percurso analítico, podemos problematizar a necessidade da biografia como uma porta aberta ao contato com a produção de um determinado autor. Ainda que a biografia possa produzir o interesse por parte do sujeito-leitor, a fruição do literário não precisa ser proposta, necessariamente, colada à necessidade de exploração da biografia do autor. Embora a leitura do biográfico e do literário possam acontecer paralelamente, o gênero biográfico não deve ser compreendido como uma condição *sine qua non* para a experiência de contato com a produção de determinado autor, sobretudo quando este ainda não foi trabalhado na escola. O uso do gênero biográfico voltado ao público infantil pode ser um elemento complementar à experiência de fruição por meio do literário, mas também, funcionar como um gênero que pode ser trabalhado de modo mais aprofundado, sobretudo considerando as suas potencialidades frente às diversas experiências de vida.

Assim, também se abre o convite para que a biografia não seja um gênero exclusivo de personalidades consideradas consagradas, a exemplo do que foi reunido na coleção da Folha de S. Paulo. O biográfico pode ser um caminho para o reconhecimento e a valorização de personalidades locais com contribuições importantes para a comunidade de referência, sobretudo quando se permite que o grandioso também possa ser atribuído a personalidades consideradas marginalizadas e excluídas do rol do que é

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

considerado digno ou passível de ser biografável, a personalidades que não façam parte do cânone literário. A experiência de perscrutar o gênero em tela pode produzir diferentes efeitos e caminhos tanto no campo da literatura como da educação, permitindo que uma história possa produzir diferentes histórias, em um movimento sempre polissêmico que atravessa não apenas a vida e a produção de escritores renomados, mas também, o próprio existir.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORELLI, O. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

FOUCAULT, M. O que é um autor? *In:* FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GOTLIB, N. B. **Clarice**: uma vida que se conta. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2009a.

GOTLIB, N. B. **Clarice fotobiografia**. 2. ed. São Paulo: EDUSP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009b.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCORSOLINI-COMIN, F; PACÍFICO, S. M. R.; PINTO, A. I. S. F. É de pequenino que se encanta pela palavra: uma representação de Clarice Lispector para o público infantil. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 208-234, 2025. DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

LISPECTOR, C. **O mistério do coelho pensante e outros contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Autêntica, 2019.

MONTERO, T. **Eu sou uma pergunta**. Uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MONTERO, T. **À procura da própria coisa**: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MORAES, V. L. A. A criança, a mulher e o mar: rituais de cura em Clarice Lispector. **Aletria**, v. 20, n. 2, p. 57-65, 2010.

MOSER, B. **Clarice,**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OBERG, S. **Clarice Lispector**: a escritora das palavras encantadas. Ilustração: Adilson Farias. Coleção Folha Grandes Biografias para Crianças. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2021.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: PÊCHEUX, M. **Análise do Discurso.** Textos escolhidos por Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. p. 11-20.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2014.

SCORSOLINI-COMIN, F. Teresa Montero: uma pesquisadora à procura de Clarice Lispector. **Revista Gragoatá (UFF)**, Niterói, v. 28, n. 61, p.

DOI: 10.61358/policromias.2025.v10n2.65458

e-56642, 2023a. DOI: https://doi.org/10.22409/gragoata.v28i61.55642.pt. Acesso em: 07 mar. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. Cartas para Clarice: oficina de escrita com alunos do ensino fundamental. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2023b. DOI: https://doi.org/10.26823/rnufen.v15i1.22201. Acesso em: 21 jun. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. The author and the animals: the intimate life of Ulisses. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 28, p. e50440, 2023c. DOI: https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.50440.Acesso em: 06 jun. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. A infância clandestina em Clarice Lispector. **Revista do SELL**, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 185-203, 2019.

SCORSOLINI-COMIN, F.; PACÍFICO, S. M. R. Um livro infantil não há de ser tão perigoso: a ideologia em Quase de verdade, de Clarice Lispector. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, e023018, 2023. DOI: https://doi.org/10.32930/nuances.v34i00.9262p. Acesso em: 21 jun. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; RODRIGUES, L. I.; PACÍFICO, S. M. R. Aumentando as views de Clarice Lispector: intertextualidade, interdiscurso e efeito-leitor em “Sonzers” e “Lispectors”. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 11, n. 22, p. 484-506, 2022. DOI: https://doi.org/10.33871/22386084.2022.11.22.484-506. Acesso em: 23 fev. 2024.

Data de recebimento: 03/09/2024
Data de aprovação: 25/03/2025